



Carlos Alberto deve integrar equipe de Cristovam



Derrotada, Eurides Brito acusa roubo de votos



Tadeu Roriz espera participar do próximo governo

Segundo turno vira revanche para derrotados

HÉLIO FRANCO

O segundo turno das eleições para governador poderá ser a última chance de projeção de alguns parlamentares brasileiros que não conseguiram a reeleição ou tentaram votos maiores e não foram bem-sucedidos. Uma verdadeira revanche para os derrotados, o segundo turno servirá para atestar a popularidade de cada um e aumentar a cotação na disputa por, talvez, um cargo no governo, apesar de nenhum deles admitir que se engajou na campanha dos majoritários em busca de cargos.

No Senado, os dois parlamentares cujos mandatos acabam em 95 (Maurício Corrêa e Meira Filho) não disputaram a reeleição, enquanto na Câmara dos Deputados dois saíram derrotados pelas urnas (Sigmaringa Seixas e Paulo Octávio). Na Câmara Legislativa, 12 são os deputados distritais que começarão o próximo ano sem o título que ostentaram entre 90 e 94. Para eles, o segundo turno é também uma espécie de "segunda época" nas urnas e uma oportunidade para demonstrarem sua habilidade política.

É o caso, por exemplo, do deputado federal Sigmaringa Seixas (PSDB), que não obteve a cadeira no Senado. Ele foi o principal responsável pela articulação do apoio de sua candidata ao governo, a deputada distrital Maria de Lourdes Abadia (também uma derrotada), ao candidato da Frente Brasília Popular, Cristovam Buarque. Sigmaringa diz que não gosta de avaliar derrotas eleitorais, mas destaca o importante papel desempenhado pelo seu partido nessas eleições: "Sem nós não haveria segundo turno", defende.

Polarização — Para ele, as eleições para governador no DF caracterizaram duas propostas políticas bem delineadas: "De um lado as forças do governo e do outro o PT, que recebeu o apoio de outras forças, e a disputa acabou polarizada". A identidade de propósitos que desembocou no apoio tucano ao PT reside na luta pela quebra do que considera "continuismo". "Em verdade, nós formamos duas frentes contra o governo local, a que ficasse de fora apoiaria a outra", concluiu. Sigmaringa agora volta para a advocacia, mas, de olho em 98, diz que continuará fazendo política, apesar de repudiar acordos políticos em troca de cargos.

Surpresa — Trocar votos por cargos também é uma prática condenada pela deputada distrital candidata

à reeleição, Rosemary Miranda (PP), que se considerou "surpresa" com a derrota. "Eu não esperava essa derrota, até porque as pesquisas não apontavam esse resultado", admite Rose. Consciente de que em política não se vence sempre, Rose agora se empenha na candidatura de Valmir Campelo, confiante na transferência de votos para o senador petebista. Para o futuro, seus planos são retornar ao rádio e à TV e montar um jornal quinzenal — "O Reduto" — voltado para o público do DF e Entorno.

Já Tadeu Roriz (PP), ainda abatido, confessa ter sido pego de surpresa: "Eu tive na Câmara Legislativa um desempenho até reconhecido pela maioria da população, inclusive pelo trabalho social desenvolvido pelo meu gabinete", lamenta, reconhecendo, no entanto, que houve falhas fatais. Mais pragmático, Tadeu confessa que "o próprio Valmir Campelo já disse que vai abrir espaço no governo para pessoas que tenham experiência política, e o apoio que eu venho dando a ele certamente será reconhecido".

Já Carlos Alberto (PPS), distrital que tentou uma vaga no Senado, prega que na política tradicional apoio é sinônimo de negociações, mas, para ele, "o Cristovam Buarque não deve assumir nenhum tipo de compromisso com cargos antes da sua vitória, pois os que se envolveram na sua campanha devem estar compromissados com um projeto novo para a sociedade, sem negocismos".

Repetição — Eurides Brito (PP) tem projetos semelhantes com relação à sua vida profissional. Um caso à parte na história política do DF, ela obteve, pela terceira vez consecutiva, a primeira suplência de sua coligação. Ex-secretária da Educação por duas vezes, Eurides não quer fazer conjecturas sobre a possibilidade de vir a ser convidada para o mesmo cargo por Valmir Campelo, caso ele ganhe as eleições. "Eu nunca conversei nem pleiteei nenhum cargo", afirma, "acho mesmo que se envolver em alguma campanha por cargos é chantagem".

Professora aposentada da UnB, autora de livros sobre educação e conferencista, Eurides diz que continua na luta, "engajadíssima" na campanha de Valmir Campelo. Encontrada pela reportagem entre um ato de campanha e outro, sua preocupação no momento é lutar pelo senador, pois, segundo ela, "cada um tem a sua missão no campo político, a minha é melhorar o quociente eleitoral da minha legenda".